



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**RENATA FRAGOSO MÁXIMO  
(depoimento)**

**2015**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA



**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-561

**Entrevistada:** Renata Fragoso Máximo

**Nascimento:** 12/07/1994

**Local da entrevista:** ESEF/UFRGS, Porto Alegre

**Entrevistador:** Claudia Yaneth Martínez Mina

**Data da entrevista:** 11/06/2015

**Transcrição:** Thayná Lima Fagundes

**Copidesque:** Claudia Yaneth Martínez Mina

**Pesquisa:** Claudia Yaneth Martínez Mina

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 50 minutos e 24 segundos

**Páginas Digitadas:** 20 páginas

### **Observações:**

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Claudia Yaneth Martínez Mina intitulada *Os significados dos futebóis na trajetória de vida de atletas da equipe de futsal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.*

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Iniciação no futebol e futsal; Futsal na rua; Prática de voleibol; Incentivo da família; Futsal na escola; Educação Física na Escola; Experiências significativas no esporte; Trajetória no futsal; Clubes e as competições; Inserção no futsal universitário com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Motivação no futsal universitário; Experiência no futsal universitário; O significado da prática esportiva dentro do time da UFRGS; Outras facetas com o futsal e o futebol.

Porto Alegre, 11 de junho de 2014. Entrevista com Renata Fragoso Máximo a cargo da pesquisadora Claudia Yaneth Martínez Mina para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Renata, muito obrigada por aceitar o convite para falar sobre tua história de vida dentro do futebol e o futsal, dentro do esporte. Eu quero começar fazendo uma pergunta muito importante, como você começou a jogar futebol ou futsal, quais são as primeiras lembranças sobre quando você bateu uma bola pela primeira vez, como o futebol ou o futsal apareceu na sua vida?

R.M. – Quando eu era bem mais nova, pela família do meu pai, eu era a única guria; então, meus primos tudo jogavam bola na rua porque eles moram numa das ilhas aqui de Porto Alegre, e lá não tem movimento, então é bem seguro. Aí, eles iam para o meio da rua e ficavam jogando bola, e como eu sempre gostei de estar no meio dos meus primos, eu comecei a pedir para jogar junto, e daí eu acabei começando a jogar bola com eles no meio da rua. Isso eu devia ter uns seis, sete anos, a gente jogava no meio da rua, aí não era nada, nunca foi para competir, lá era só para brincar com os meus primos.

C.M. – E sempre jogava com os primos ou também jogava com os amigos da rua?

R.M. – Não, eram os amigos dos meus primos, aí no caso, era goleirinha, a gente fazia com os chinelinhos e a gente jogava no meio da rua mesmo.

C.M. – E tinha meninas que também jogavam?

R.M. – Não, era só eu, eu era a única guria, é que como eles eram todos amigos da mesma rua, as gurias não entravam muito no grupo. Mas como eu vinha de fora, não morava ali, eu sempre acabava me enturmado com os guris e jogava junto.

C.M. – E você alguma vez jogou com as meninas também?

R.M. – Nessa idade aí não, nunca, não conhecia nenhuma guria que jogasse bola na época.

C.M. – Até quando você jogou na rua, quantos anos tinha?

R.M. – Até uns dez anos, mais ou menos, a gente jogava no meio da rua; mas era até engraçado porque eu ia para a casa dos meus primos, quando eu era mais nova minha mãe me arrumava, eu ia toda bonequinha de salto, de sainha. Eu chegava na casa dos meus primos e eu queria jogar bola, daí eu ia para o armário do meu primo, pegava uma camiseta e ia jogar no meio da rua com as roupas dos meus primos.

C.M. – E você por que parou de jogar nesse espaço?

R.M. – Porque acabou que a gente cresceu, os guris também não jogam mais no meio da rua, um dos meus primos continua jogando futebol; um foi fazer luta, cada um foi fazer outras coisas. Quando a gente vai lá, a gente só fica dentro de casa, a gente não joga mais bola [riso].

C.M. – Você praticava futebol ou tinham outros esportes também que gostava de fazer?

R.M. – Eu gostava de jogar vôlei também, vôlei era um esporte que eu achava bonito de ver, eu olhava na TV. As minhas primas por parte de mãe e a minha tia também, elas sempre jogavam vôlei, então quando eu ia para a família da minha mãe eu jogava vôlei, quando eu ia para a família do meu pai eu jogava futebol, sempre foi assim.

C.M. – Alguém da família incentivava você para praticar futebol?

R.M. – O meu pai foi o grande incentivador, no início até ele ficou meio assim: “Futebol é coisa de guri”, só que quando abriu o time, eu lembro que até a quarta série no meu colégio não tinha time de futebol feminino, era a partir da quinta série em

diante. Então, eu ficava assim: “Eu preciso chegar na quinta série para poder fazer peneira para entrar no time de futebol feminino do colégio”. E na época, tinham umas gurias que jogavam muito bem, jogavam muito bem mesmo, e eu sempre quis jogar com elas. Quando chegou em 2005, que eu cheguei na quinta série eu falei: “Pai, vou fazer a peneira”. Daí ele assim: “Mas tu está louca, tu vai te machucar, não sei o que”, aí no mesmo ano a minha mãe falou: “Não, mas eu te boto no vôlei”. Daí eu comecei a jogar vôlei e aí eu falei: “Mas eu quero jogar futebol, pai”. Daí ele: “Tá, faz a peneira, se tu passar eu te ajudo, compro tênis”. Eu não tinha tênis, jogava com tênis de sair, aí ele: “Se tu passar na peneira eu compro um tênis para ti e te ajudo”, como nos meus primos sempre faltava o goleiro, eu ia para o gol. Aí chegou na peneira lá e meu professora falou assim: “Eu preciso de uma goleira, alguém se candidata?” Como eu já estava no vôlei, tinha mais uns reflexos mais apurados: “Tá, eu posso jogar no gol”, aí fiz a peneira, passei, e aí quando eu comecei a jogar no gol meu pai começou a me apoiar mais. A minha mãe sempre foi contra, e ele ali sempre junto, ele até hoje vai em todos os jogos, ele me acompanha para cima e para baixo.

C.M. – E tua mãe o que falava sobre o fato de você jogar?

R.M. – A minha mãe dizia que era coisa de guri, que não sabia porque eu voltava cheia de roxo, cheia de arranhão, de joelho ralado, ela dizia: “Tu parece um gurizinho maloqueiro, não sei o que, tu tem que fazer coisa de guria”, porque eu dancei *ballet* quando era bem novinha na creche... “Saudades quando tu dançava *ballet*, tu era bem mais feminina” ela começava assim. A minha mãe nunca, *nunca*, quando eu era mais nova, ia nos meus jogos, ela se negava a ir porque ela dizia que era contra... Nunca aceitou. Agora ela já, desde que entrei na UFRGS<sup>1</sup> ela começou a aparecer nos jogos, a ir, a torcer, quando eu joguei estadual também ela começou a ir; daí ela começou a gostar, ela viu que era mais sério o negócio, aí ela começou a gostar mesmo.

C.M. – Você alguma vez pensou nessa época em fazer do futebol ou do futsal sua profissão?

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

R.M. – Eu pensei, mas pelo fato de ver... Da quinta até a oitava série eu queria muito que o futsal ou o vôlei até fosse, eu queria ser atleta, mas em 2009 eu troquei de colégio e no meu colégio não tinha futsal, aí eu fiquei meio assim. Eu comecei a jogar num outro time de um outro colégio, eu jogava por fora e lá eu conheci várias gurias que já tinham jogado na seleção brasileira e elas me falavam que, ah, era muito legal estar lá só, mas só quando estava lá, porque depois quando voltava não tinha nenhuma estabilidade e aí elas tinham que correr atrás de um monte de coisa. E aí eu comecei a ver que não tem apoio para o futebol feminino, é bem difícil. Até conheço umas gurias que foram para os Estados Unidos que estão melhor, mas são poucas que conseguem chegar lá, é bem difícil, aí eu meio que desisti, falei: “Vou usar o esporte como um passatempo, uma diversão”, mas nunca deixou de ser uma das minhas principais responsabilidades. Sempre gostei muito de estar no meio.

C.M. – Você estudou numa escola pública ou particular?

R.M. – Eu estudei no ensino fundamental numa escola pública e aí em 2009 eu mudei para uma particular. No ensino médio eu ganhei cinquenta por cento de bolsa, aí eu fui para o colégio particular, senão eu teria ido para uma outra escola pública.

C.M. – E nessa escola, no ensino fundamental, você começou a jogar também?

R.M. – Sim, foi lá nessa escola do ensino fundamental que eu comecei a jogar. Tinha onze anos, aí eu fiz a peneira, passei. E lá era muito legal que o professor, técnico, ele tinha time feminino e masculino, mas no fim ele ficou só com o time feminino porque ele dizia que todo o integre que as gurias tinham dentro de quadra, os guris não tinham. Então ele gostava de estar com a gente porque tudo o que ele fazia por nós, nós retribuíamos. Porque ele sempre nos carregava para cima e para baixo, quando era dia de jogo ele fazia às vezes, três viagens, ele ia, levava um grupo, depois buscava outro grupo, fazia várias viagens; então ele dizia que a gente sempre respondia tudo o que ele fazia por nós, nós respondíamos dentro de quadra. Então, lá foi onde eu comecei, e para mim ele é um dos, o professor no caso, é um dos principais motivos de eu ter continuado porque ele foi sensacional, ele foi muito bom, ele até não entendia muito da

área do futsal, ele juntou, foi na cara e na coragem, foi para: “Vamos montar? Vamos” Ele olhava uns vídeos no YouTube, olhava algumas coisas para achar treinos, mas ele sempre fez tudo por nós, então era bem gratificante jogar com ele.

C.M. – E nessa escola por que não tinha um time antes?

R.M. – Tinha, até tinha time, até comentei antes, tinha time feminino antes, só que as gurias jogavam muito bem, mas ele criou conosco uma amizade que ele não tinha com as outras atletas. Ele até, ah, ele gostava; as gurias ganhavam bastante coisa, mas elas não eram tão amigas dele como o meu grupo, pessoal da minha época ficou amiga dele. Até porque o nosso time estava sempre junto, éramos de turmas diferentes, mas chegava no intervalo era nós, e a gente ia atrás dele para ficar junto, o time era muito unido, isso ele sempre gostou. Aí o time antes, não posso falar porque eu não sei como elas eram assim, mas pelo o que eu vi, tinham gurias que até nem eram do colégio, mas jogavam no time e tal, e elas não pareciam ser tão unidas como era o nosso time. Então, acho que isso fez ele se apegar mais ao nosso time, e ele nem é da área do futsal, do futebol, ele é da área do triatlo, ele trabalha, ele é juiz de provas, ele vai até participar das Olimpíadas. Era engraçado porque ele organiza competições aqui, ele levava o time de futsal para ir trabalhar com ele, então, a gente se dava muito bem.

C.M. – Você falou que você tinha que chegar a quarta série para pertencer ao time, por que não tinha time nessa escola para as primeiras séries?

R.M. – É que o professor, no caso, era um projeto dele. Então até a quarta série as aulas são de tarde e da quinta a oitava série as aulas são de manhã. Aí como ele não conseguia espaço para dar treino de manhã, ele só conseguia espaço à tarde, então ele só dava para o pessoal que estudava de manhã, aí tinha que esperar até a quinta série para poder treinar de tarde.

C.M. – Como foi a tua experiência dentro da escola com o futebol, participaram de vários campeonatos, como era essa dinâmica?



R.M. – Nós entrávamos em muitos campeonatos, era muito engraçado que era todo final de semana que tinha jogo. No meu primeiro ano tinha a Copa Disney, que é um programa de TV que eles organizam e era muito legal, e nosso sonho era participar da Copa Disney porque eles davam muitos prêmios, era bem divertido. Então, a gente jogou três anos a Copa Disney, a gente sempre jogou uns jogos estaduais do Rio Grande do Sul, que são só para as escolas estaduais, então todos os anos a gente jogava, e esses jogos é o JERGS<sup>2</sup>, eles duram dois meses, às vezes três, depende da quantidade de escolas inscritas. Ah, a gente jogou Guri Bom de Bola, que é um campeonato da Parati<sup>3</sup>, que é de uma empresa, que eles organizam. E quando, em 2007, nós começamos a jogar a Copa Paquetá e “School Games”, que são campeonatos que a maior parte dos colégios particulares participam, se eu não me engano, eram três ou quatro times só estaduais, o resto era tudo escola particular, e aí estava nós no meio, nosso time sempre incomodava apesar da...[riso]

C.M. – Ganharam alguma vez?

R.M. – A Paquetá o máximo que a gente conseguiu foi quinto lugar, mas no “School Games” a gente ficou em terceiro lugar, em 2008 a gente ficou em terceiro lugar. Foi um jogo muito legal porque na disputa de fases, a nossa chave seriam três times e um dos times não foi, e o outro time era o Farroupilha<sup>4</sup>, que era o favorito. Farroupilha e Julinho<sup>5</sup> eram os colégios que mais ganhavam os jogos, então, era nós e o Farroupilha. E o sonho do nosso professor era que nós ganhássemos do Farroupilha, então, como era o nosso último ano na escola, que nós iríamos nos formar, ele falou: “Bah, vocês têm que me dar esse presente”, e acabou que foi dois jogos contra o Farroupilha para decidir quem passaria em primeiro e em segundo, e nós ganhamos dois jogos de um a zero. Eu lembro que ele chorava, chorava, chorava tão feliz, e na semifinal era para ter sido nós e o colégio Cristo Redentor, só que eles fizeram na semifinal, eles diziam assim: “Não pode ter dois times estaduais na final de escola estadual, tem que ter um particular e um de estadual no máximo, mas dois estadual não podia ter”. Então, eles arrumaram para não chegar nós e Julinho na final e aí a disputa de terceiro e quarto foi

---

<sup>2</sup> Jogos Escolares do Rio Grande do Sul.

<sup>3</sup> Bom de bola é um dos projetos organizados pelo Instituto Parati.

<sup>4</sup> Colégio Farroupilha.

nós e Julinho. E o Julinho também era um time muito bom, tinham gurias, a Tuani<sup>6</sup> que joga no Kindermann<sup>7</sup> e tinham gurias que já jogaram na seleção brasileira, até foi o Julinho que eu fui depois jogar lá. A gente empatou três a três no tempo normal com elas, foi um jogo histórico também, porque a gente saiu ganhando, bah, foi bem... E aí na prorrogação, faltando um minuto a Tuani fez um gol, daí a gente, bah! ficou muito triste naquele jogo, porque a gente tinha esperanças de chegar na final, mas ah, acontece. Depois a gente jogou contra o Cristo e a gente ganhou do Cristo, daí nós ficamos em terceiro lugar.

C.M. – Você jogava em vários campeonatos, você acha que a escola incentivava bastante?

R.M. – Não [RISO]. A escola, como era um projeto do professor, a escola só cedia o espaço para nós treinarmos, mas se a gente quisesse jogar campeonato, qualquer coisa, tínhamos que juntar dinheiro nosso. Então, a gente fazia rifa, fazia várias coisas. A escola... Era engraçado porque a escola não pagava nada, mas se nós ganhássemos alguma coisa a escola queria. Ah! Todos os troféus que a gente ganhou estão tudo lá, mas eles nunca deram um centavo para nós.

C.M. – E quando a modalidade masculina era igual?

R.M. – A masculina também era igual. É que, eu acho que por ser escola pública também é mais complicado e tal, mas sempre foi assim. Acho que o único apoio que a gente tinha era quando nós ganhávamos, eles pegavam e no intervalo, no recreio, eles chamavam as atletas lá para frente, todo mundo batia palma, isso era o maior incentivo que eles nos davam [riso].

C.M. – Como eram as aulas de Educação Física nessa escola?

---

<sup>5</sup> Colégio Estadual Júlio de Castilhos.

<sup>6</sup> Não foi possível conhecer o nome completo

<sup>7</sup> Equipe de futebol, considerado por alguns como uns dos melhores times de futebol feminino do Estado de Santa Catarina, Brasil.

R.M. – Meu professor que dava treino era o professor de Educação Física. Então até a quarta série nós realizávamos atividades, tipo pega – pega, caçador, essas coisas, e a partir da quinta série nós tínhamos três aulas de Educação Física por semana. Segunda-feira eram atividades, era uma aula mais teórica e prática sobre habilidades. Então: “Hoje nós vamos estudar handebol”, então a gente fazia exercícios como passe, a passada do handebol, daí quarta – feira era o dia de jogo, aí quarta – feira, no meu colégio era futsal para os guris e handebol para as gurias; só que eu nunca jogava handebol, sempre entrava no jogo com os guris, e na sexta – feira era vôlei, que aí a gente dividia às vezes a quadra com outra turma, fazia joguinho uma turma contra a outra.

C.M. – E por que essa diferenciação no esporte para meninos e outro para meninas?

R.M. – Eu nunca entendi também porque que eles faziam isso, a gente até achava que era porque algumas gurias, a maior parte, preferia jogar handebol do que jogar futsal, isso aconteceu até o meu ensino médio. No meu ensino médio eu me revoltei, no ensino médio eram turmas separadas, educação física tinha um professor para os guris e uma professora para as gurias, e eu não aguentava mais, no terceiro ano eu falei: “Não, eu quero fazer aula com os guris”, porque a aula das gurias era sempre handebol ou dança, e os guris jogavam basquete, jogavam futebol, corriam e eu queria fazer aquilo. E aí, no terceiro ano, eu pedi para a minha professora, fui até no diretor da escola pedir liberação para ir para a turma dos guris porque eu não queria mais fazer sempre aquilo, queria mudar também. Eu achava isso muito chato, dividir, essa diferenciação entre homem e mulher até hoje, eu não entendo porque eles fazem, até hoje acontece isso no colégio, uma turma feminina e uma turma masculina; e lá no ensino fundamental também era assim, era uma turma, as gurias preferiam jogar handebol e os guris futebol, e até sempre rolava meio que assim. No início, rolava muito preconceito das gurias jogarem futebol, os guris não deixavam, eles diziam: “Vocês são ruins, não sei o que”, sempre falavam isso. Mas aí um dia a gente pegou o nosso time do colégio e jogou contra os guris, e a gente ganhou deles, daí eles nunca mais falaram nada [RISOS].

C.M. – Re, e quando você pediu para jogar com os meninos, eles aceitaram?

R.M. – No colégio no ensino fundamental teve ainda uma negação, mas no colégio particular, como a maior parte dos guris sabia que eu jogava, jogava por fora e tal, eles achavam muito legal isso. Então os guris no ensino médio, bah, me aceitaram muito bem jogando com eles. No ensino fundamental até foi bem relutante para conseguir, mas no ensino médio foi muito legal.

C.M. – Quais foram as experiências mais significativas que você lembra sobre a prática de futebol ou de futsal dentro da escola?

R.M. – Acho que as experiências foram os JERGS que a gente jogava, que era campeonato entre redes estaduais. Nós conhecemos várias escolas estaduais e a experiência era muito legal, tu chegar e conhecer o lugar que outras gurias também treinavam e ver que a estrutura é horrível, as escolas estaduais não têm estrutura nenhuma; e ver que todas as gurias que estavam ali gostavam do que estavam fazendo, estava todo mundo muito feliz por estar ali jogando, isso era muito legal. E outra experiência que foi muito legal, foi em 2008 quando eu joguei a Copa Paquetá, nós fizemos um jogo contra o Cristo Redentor, meu time perdeu de quatro a zero e nesse campeonato eles nomeavam as melhores do jogo, e eu ganhei melhor do jogo naquele jogo, e os juízes vieram falar comigo e perguntar quantos anos eu tinha, que eles conseguiam bolsa de estudar para mim em qualquer colégio que eu quisesse que estivesse jogando. Até eles conseguiram as bolsas, mas foi numa época, os colégios que eles conseguiram foi o Cristo, só que é um time lá de Canoas<sup>8</sup>, daí eu tinha bolsa, mas eu não ia ter a passagem para ir para lá, então ia ser caro. E o outro foi o Farroupilha, mas o Farroupilha eles só conseguiram oitenta por cento de bolsa, eles não me deram cem por cento, e aí os oitenta por cento de bolsa que eu iria pagar lá eu consegui uma escola bem perto de casa que eu ia pagar o mesmo valor. Então, o deslocamento também, mas no colégio acho que esses foram os momentos que mais me marcaram.

C.M. – Nesse momento o que significava para você jogar futsal?

---

<sup>8</sup> Canoas é um município brasileiro do estado do Rio Grande do Sul.

R.M. – Era o meu passatempo, porque meu pai, ele sempre me incentivou muito, mas ele dizia: “Primeiro os estudos, primeiro os estudos”, então quando eu queria fugir, não aguentava mais os estudos eu tinha o futebol, era o meu escape e sempre foi *muito bom, muito bom*; eu ia para lá e esquecia tudo o que estava acontecendo fora, eu relaxava, eu fazia meu joguinho, me divertia, dava risada com as minhas amigas, sempre foi assim.

C.M. – Você alguma vez pertenceu a alguma escolinha?

R.M. – Não. Eu até joguei em 2009 pelo Lindóia que no início era uma escolinha, mas como acabou entrando meninas mais fortes no time, eles tiraram o nome escolinha, era o time do Lindóia, tiraram o escolinha e até para entrar lá precisava fazer teste. Aí depois ficou uma equipe mais séria, mas escolinha de futebol que nem tem a Duda<sup>9</sup>, o Grêmio<sup>10</sup>, eu nunca joguei, foi sempre pelo colégio.

C.M. – Sempre pelo colégio.

R.M. – É, depois eu fui para o Lindóia, mas o meu começo nunca, não cheguei a entrar numa escolinha.

C.M. – Você falou que praticou vôlei. Como foi o ingresso? O que idade tinha?

R.M. – Eu comecei a jogar vôlei no mesmo ano que eu comecei a jogar futebol, com onze anos, e foi uma maneira da minha mãe... Que eu me sentir menos culpada por estar jogando futebol por causa da minha mãe. Então, eu fui para o vôlei para dar uma alegria para a minha mãe, porque sempre eu achava que eu jogar futebol era um dos maiores problemas dentro de casa, por causa disso. Então, eu ia para o vôlei que no vôlei a minha mãe acompanhava, ia em tudo que era jogo. Então, em 2011 e 2008 eu fiquei jogando vôlei, eu gostava de jogar, mas não era um lugar que eu me sentia tão bem como eu me sentia jogando no futsal. E aí em 2008 eu parei e falei: “não, se eu

---

<sup>9</sup> Eduarda Luizelli Marranghello.

<sup>10</sup> Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

vou parar”... Porque eu ia parar de jogar futebol também por causa do colégio novo, “eu vou parar de jogar futebol, eu vou parar de jogar vôlei”, e aí eu larguei o vôlei e acabei encontrando um outro time de futebol e fui para o time de futebol, e aí larguei o vôlei de vez.

C.M. – Quais são as diferenças entre jogar vôlei e jogar futebol, de estar num time de vôlei e estar num time de futebol?

R.M. – É que eu acho que a sociedade vê com muito preconceito que ah, vôlei time de menininha e futebol/futsal é jogo de homem. Então, essa era a visão da minha mãe, que ah, no vôlei pelo menos eu ia estar com meninas mais femininas do que no futsal, porque no futsal as meninas eram bem mais masculinas. Então, esse era o maior motivo de minha mãe preferir que eu jogasse vôlei.

C.M. – Você pertenceu a times que não eram da escola, times externos?

R.M. – Só no ensino fundamental. O único time que eu jogava de fora era o vôlei, que era da SOGIPA<sup>11</sup>. Então, dos meus onze aos meus quatorze anos eu joguei sempre pela SOGIPA e pelo colégio. Daí em 2009, quando eu fui fazer meus quinze anos, eu mudei de colégio e meu colégio tinha um time, mas era um time que não treinava, então ele olhava na educação física as gurias jogando, juntando os times e ia para os campeonatos. Então, aí eu joguei com eles e tal, mas não era um time mesmo, era só para participar. Então. eu já fui jogar no Lindóia, que aí era um time de fora, que é um clube que tem lá perto da minha casa que agora não existe mais time lá por causa da falta de apoio para o futsal. Quando eu estava lá nós pagávamos mensalidades, pagávamos os campeonatos, a gente pagava tudo, isso foi de 2009, 2010 e 2011. Eu fiquei sem jogar bola, eu parei um ano de jogar por causa do cursinho e outras coisas que acabaram acontecendo. Aí eu preferi largar, mas aí em 2012 eu voltei a jogar [RISO], não me aguentei.

C.M. – 2012 no ensino médio?

---

<sup>11</sup> Sociedade de Ginástica Porto Alegre.

R.M. – Não, 2012, daí eu já entrei na UFRGS.

C.M. – Ah! Você parou de jogar quando estava no ensino médio?

R.M. – É, no terceiro ano do ensino médio eu não joguei.

C.M. – E depois?

R.M. – E depois eu voltei a jogar.

C.M. – Bom, então vamos falar sobre a UFRGS? Como você conheceu o time da UFRGS?

R.M. – Eu em 2010 joguei um campeonato e tinha uma menina que jogava aqui na UFRGS, e eu fiquei amiga dela, a gente começou a se dar bem, conversava bastante e no ano que eu passei no vestibular ela falou para mim assim: “Vai lá no time, nem precisa fazer peneira, já falei para o Jeff<sup>12</sup>”, porque na época o Jeff estava entrando no time, “já falei para o Jeff que uma amiga minha que jogava muito ia lá e aí nem precisa fazer peneira, só vai lá, te apresenta e diz que fui eu [RISO] que te indiquei que tu vai jogar, não sei o que”, e foi assim, ela que me empurrou parar entrar no time.

C.M. – Como foi quando apenas você começou no time?

R.M. – Eu cheguei, foi no primeiro treino do ano, então ninguém esperava uma pessoa nova porque a peneira ia ser mais adiante. Então, eu cheguei, me apresentei para o Jeff e ele falou: “Não, entra aí, vamos treinar, vamos ver. Nós não temos preparação para goleira, porque o Gabi<sup>13</sup> que era o preparador de goleiro estava em Portugal, mas faz um teste hoje e a gente vai ver”, eu fiz o teste, aí ele falou comigo no final do jogo: “Não, pode aparecer mais”, e estou aí até hoje [RISO].

---

<sup>12</sup> Jeferson Dickel, treinador da UFRGS durante o período 2011- 2014.

C.M. – O ingresso foi em 2011?

R.M. – 2012.

C.M. – Qual foi o motivo pelo qual você começou a treinar no time da UFRGS?

R.M. – Porque eu tinha falado para o meu pai, em 2011 quando eu parei de jogar bola ele falou: “Não, porque agora tu vai parar”, por vários motivos, mas o principal era: “Tu vai te focar passar na UFRGS”, e eu falei assim: “tá, eu vou passar na UFRGS, mas quando eu passar na UFRGS eu vou voltar a jogar bola é o que eu gosto de fazer, eu vou jogar, e eu vou entrar no time da UFRGS”, eu falei para ele. Aí ele falou: “Tá, então primeiro tu passa e depois a gente conversa”, Daí eu passei, no dia que eu passei e eu falei: “Viu, pai? Eu vou para o time, eu vou para o time, eu vou para o time”, daí ele “tá, vai então, eu te apoio, vai, se precisar o pai te ajuda, te leva”, e aí foi o apoio [RISO].

C.M. – Como tem sido essa experiência dentro do time?

R.M. – É muito legal as situações que a gente passa, cada ano muda, cada ano chega gente nova, sai atletas e aí a cada ano nós temos que nos adaptar com uma postura diferente das pessoas. Então, em 2012 quando eu entrei, o time era completamente diferente do time que é hoje, em 2013 também já era diferente; 2014 foi o ano mais diferente, porque entrou gente que estava... Tinha a Gabi que estava na Itália, veio a Ge<sup>14</sup>, veio a Claudinha<sup>15</sup> que chegou da Colômbia; então veio gente de tudo aquele lugar e foi uma experiência muito boa porque a gente aprende a lidar com tudo o que a gente podia, pessoas assim, jogar, na UFRGS tem gente de tudo lugar do estado, do país, do mundo, então é muito bom.

---

<sup>13</sup> Gabriela Marranghello Luizelli.

<sup>14</sup> Geórgia Balardin.

<sup>15</sup> Claudia Yaneth Martínez Mina.



C.M. – O que significa para você ser parte da equipe da UFRGS?

R.M. – Eu acho que fazer parte hoje é um sonho, porque quando antes de eu entrar, eu olhava os jogos da equipe em outros campeonatos e meu pai olhava para a goleira que jogava na UFRGS e ele falava: “Essa gurria joga muito, não sei o que”. Aí eu falava: “Calma, pai, um dia eu vou chegar lá e eu vou jogar mais”. Daí ele falou: “Ah, tem que treinar muito”. E eu cheguei, eu jogava no time da UFRGS, comecei a jogar e o meu pai pegou e falou esses tempos até, para mim: “Lembra que eu falava que aquela gurria jogava muito? Hoje tu joga muito melhor” [RISO]. E aí eu falei: “Viu? Eu disse que eu ia chegar lá”. Então, estar aqui é não só como realizar um sonho, tipo, um desafio que meu pai me pregou quando eu era mais nova, mas também é muito satisfatório, porque eu gosto muito das gurias que jogam comigo. Então, estar ali dentro é estar entre amigas, considero todas minhas amigas, e eu me sinto bem ali. É bem diferente que nem quando eu estou no meu curso, na minha faculdade, eu não me vejo me dando tão bem com as minhas colegas como eu me dou bem com o pessoal aqui. Então, o futsal não me trouxe só qualidade de vida pelo esporte e tal, me trouxe amizades e isso é uma coisa muito importante.

C.M. – Qual é a sua motivação para treinar e continuar sendo parte do time da UFRGS?

R.M. – Minha motivação é que eu sou uma pessoa muito competitiva [RISO], eu não gosto de perder, eu fico muito braba quando eu perco; então eu penso que treinar faz eu não ficar braba depois, porque se eu estou treinando, eu estou me esforçando para dar o meu máximo, então eu estou treinando para quando chegar lá na hora e eu perder eu não falar assim: “Sim, eu perdi porque eu não fiz, eu não fiz, eu não fiz”, não, se eu perdi, tudo bem, a pessoa foi melhor que eu, mas eu dei o meu máximo. Então vir treinar é a motivação, porque eu vou chegar lá na hora, eu vou fazer meu máximo sempre, se eu estiver treinando eu vou dar o meu máximo no treino e eu sempre quero ganhar, eu quero melhorar, eu quero ganhar, eu quero melhorar [RISO].

C.M. – Você acha alguma diferença entre a prática de futsal no ensino médio, na escola, e agora na universidade?

R.M. – Sim. Aqui da UFRGS, principalmente, o time treina muito e nós nos cobramos muito. No colégio nós treinávamos uma vez por semana, lá, tinha cobrança de: “Temos que ganhar”, mas aí é uma coisa que eu vejo, acho bem diferente, no ensino médio as gurias mesmo sem treinar pareciam que todo jogo era uma final, as gurias entravam para uma guerra sempre e chutavam qualquer coisa que precisasse elas estavam chutando, e é muito engraçado que aqui no time da UFRGS o pessoal é bem calmo [RISOS], as gurias entram muito tranquilas em quadra e eu fico pensando: “Como assim? Não”. É um jogo e a gente tem que ganhar [RISO]. Eu acho que, às vezes, eu até penso assim: “Tá, tudo bem, treinar”, a gente treina mais aqui na UFRGS, traz uma tranquilidade, mas eu não consigo ficar tranquila [RISO], eu sempre entro muito na pressão, preciso, preciso, preciso.

C.M. – Como a universidade apoia o time da UFRGS?

R.M. – A universidade nos cede o espaço e paga os campeonatos, uniformes, as coisas assim. Financeiramente o nosso único gasto para treinar é o deslocamento para chegar até o treino, que eu sempre em qualquer outro time eu tinha que pagar para jogar, aqui eu só pago para vir para cá, o resto não, isso é um apoio, mas eu acho que, às vezes, falta uma visibilidade para o esporte. Até aqui na Educação Física, aqui na ESEF<sup>16</sup> o pessoal sabe que tem o time e tal, mas, por exemplo, eu trabalhava na Engenharia, o pessoal nem sabia que existia time de futebol feminino, mal sabia que tinha esporte na UFRGS. Ah, sabem que tem a faculdade de Educação Física, mas não sabem que tem um time competitivo, tem alguma coisa assim, eu acho que isso é uma falta até de incentivo de a UFRGS pegar e botar no site e botar, divulgar por aí, eu acho que isso falta.

C.M. – O que significa para você praticar futsal?

R.M. – Praticar futsal, hoje para mim, é desafio. Eu acho que depois de tudo que eu já conquistei dentro do esporte eu quero ganhar mais, eu quero estar sempre entre os

---

<sup>16</sup> Escola de Educação Física, UFRGS.

melhores. Então, jogar futsal é o meu ponto de escape para eu relaxar, mas no treino eu tenho que estar sempre ligada, sempre pensando, ligada, ligada, ligada porque eu quero melhorar. Então ao mesmo tempo que é para eu relaxar é o meu desafio também.

C.M. – Como você pode descrever sua experiência como mulher que joga futsal?

R.M. – Quando eu comecei eu sofri bastante preconceito. De amigos do meu pai chegarem: “Mas futebol não é coisa de guria”. Hoje em dia, acho que depois de tudo o que eu já conquistei, já mostrei para as pessoas jogando futebol, eu vejo muita gente mudou de opinião, aceita mais, eles aceitam que o futebol feminino pode ser tão bom quanto o futebol masculino. Isso eu vi o ano retrasado quando eu joguei pelo time no estadual, e eu vi pessoas que nunca eu imaginei que estariam num ginásio torcendo, olhando um jogo de futebol feminino. Meu dindo<sup>17</sup> eu nunca imaginei que ele iria num ginásio ver um jogo meu, ele sempre foi nos de vôlei, mas do futsal eu nunca imaginei. Quando a gente chegou na final do estadual, eu vi meu dindo no ginásio eu fiquei: “Meu Deus”, tipo, as pessoas estão aceitando que o futebol também é coisa para mulher e isso é muito bom.

C.M. – Você acha que existe uma diferença entre homens e mulheres que jogam?

R.M. – Eu acho que não deveria existir essa diferença, a diferença está na cabeça das pessoas porque futebol é um esporte igual a qualquer um, que tanto homem quanto mulher podem praticar. No Brasil, a gente sabe que o futebol masculino é a principal marketing do país, digamos assim, todo mundo vai falar de Brasil vai dizer: “Seleção pentacampeã”, mas ninguém sabe que o futsal feminino já foi campeão inúmeras vezes e não sabem todos os títulos que o futebol feminino tem, isso eu acho que é um preconceito das pessoas, no caso. Porque eu até li num site do CEME<sup>18</sup> até, que eles falam que antigamente que o futebol era proibido no Brasil, o futebol feminino no caso. Então eu acho que tem muito disso, das pessoas estarem ligadas muito no passado e

---

<sup>17</sup> Termo afetivo que faz referência ao padrinho.

<sup>18</sup> Centro de Memória do Esporte.

não olhar o presente, então eles não vêem que mudou, homem e mulher podem fazer as mesmas coisas.

C.M. – Para você, o que de melhor o futsal trouxe para a sua vida?

R.M. – Minhas amizades. O futsal trouxe, *bah*, as minhas amigas de verdade são pessoas que eu conheci no futsal. Então, não só amizade, como qualidade de vida. Eu era bem mais gordinha do que eu sou hoje, praticar o esporte me ajudou a melhorar o meu ritmo. E é bom tu sair do treino limpo, tu sair leve, sair descarregado, futsal me trouxe uma paz interior, trouxe minhas amizades, trouxe tudo.

C.M. – E agora o contrário, você acha que tem algum aspecto negativo dentro da sua experiência como praticante de futsal?

R.M. – Eu acho que não. Eu não vejo. Eu acho que o único problema é que, às vezes, as responsabilidades que a gente assume, ah, no final de semana tu não vai estar com a tua família porque tu tem que estar jogando, isso já aconteceu muitas vezes da minha família chegar e falar assim para mim: “Tu não aparece mais, tu só quer jogar bola”. E aí só que eu falo assim: “Pô, mas é uma responsabilidade que eu assumi, sabe?”-. Toda a minha família agora querendo ou não, me apoia, “então se vocês me apoiam mesmo vocês vão entender meu lado, é uma coisa que eu gosto de fazer” Então, acho que eu me distanciei bastante da minha família por não estar presente, mas depois de muita conversa as pessoas vão entendendo, então acho que a pior coisa foi isso.

C.M. – Você falou que participou de campeonatos estaduais de futsal, e quais times você jogou?

R.M. – Eu joguei em 2012 pelo Garrincha, a gente foi campeã estadual em 2012, em 2013 pela APF, que também nós fomos campeãs estaduais, em 2014 eu joguei pelo

Chimarrão, nós ficamos em terceiro lugar e esse ano eu estou jogando pela ACBF<sup>19</sup> lá de Carlos Barbosa<sup>20</sup>.

C.M. – E como foi essa experiência de jogar num time profissional?

R.M. – Em 2012 foi a mesma guria que me indicou para jogar aqui na UFRGS, ela me chamou para jogar no Garrincha. Então, o Jeff foi falar comigo, porque ele trabalhava no time, ele falou: “Vamos, vamos, eu sou preparador de goleiro lá, isso vai ser bom para ti tanto para a UFRGS quanto para o time”. E eu era reserva na época. Tinha a antiga goleira da UFRGS também jogava no time e ela acabou largando o time por problemas pessoais, e aí eu tive que assumir a responsabilidade na metade do campeonato, e eu nunca vou esquecer que no meu primeiro jogo era na Serra<sup>21</sup>, um frio. No aquecimento eu estava branca, apavorada: “Meu Deus, eu tenho que entrar, olha o time, olha o tamanho das gurias”... Eu nem tinha dezoito anos ainda jogando com mulher de trinta, bem mais velhas que eu, bem mais experientes, e aí toda a confiança que o técnico Frejat<sup>22</sup> passou para mim no dia do jogo. Ele chegou, me chamou num canto, me motivou muito, ele disse que agora, naquele momento, todo mundo precisava de mim, eu tinha que ser a base do time, confiança, e ele falou assim: “Tu nunca vai nos decepcionar porque a gente sabe teu potencial”. E eu entrei e fui. A gente jogou a final contra a ULBRA<sup>23</sup>, que era a atual campeã, foi um jogão, foi para a prorrogação, o gol que a gente fez faltava três segundos para acabar o jogo e foi, aquele ano, muito emocionante a final.

Em 2013 foi tenso, porque primeiro que começou todos os estaduais de futsal menos o feminino. A Federação<sup>24</sup> não estava botando o campeonato feminino, não iam botar o campeonato, deu uns rolos lá, demoraram e o nosso campeonato começou em agosto só. Então, foi uma correria para o campeonato e o nosso time era a base que tinha sido campeã no ano anterior. E aí chegou uma mulher e nos ofereceu um monte de coisa, “Eu ofereço patrocínio, todo mundo vai ganhar uma ajuda de custo, vai

---

<sup>19</sup> Associação Carlos Barbosa de Futsal.

<sup>20</sup> Carlos Barbosa é uma cidade brasileira do estado do Rio Grande do Sul.

<sup>21</sup> A Serra Gaúcha é um acidente geográfico no nordeste do estado do Rio Grande do Sul, no Brasil.

<sup>22</sup> Rafael Nascimento Pereira.

<sup>23</sup> Universidade Luterana do Brasil.

<sup>24</sup> Federação Gaúcha de Futsal.

ganhar passagem, vou pagar tudo para vocês”. E a gente foi tri feliz: “Bah, nunca ganhamos nada para jogar, a gente vai ganhar, vai ser muito bom”. E uma semana antes de começar o estadual a mulher sumiu e aí a gente ficou naquela: “E aí? Vamos jogar ou não vamos jogar?” E era um grupo de amigas, porque nós éramos praticamente o mesmo time do ano anterior e é muito caro jogar estadual, a Federação não paga nada, a gente tem que pagar tudo, deslocamento, arbitragem, tudo. E no ano anterior a gente já sabia que eles tinham gastado no mínimo trinta mil para bancar nosso time, então a gente ficou assim: “Vamos jogar, não vamos jogar?”. Daí a gente se uniu e vamos por nós, nós vamos pagar, nós vamos fazer tudo. Quando a gente chegou na final, a gente olhou cada uma no olho da outra e falou assim: “Meu, olha tudo o que a gente já gastou até aqui, a gente não vai botar nosso dinheiro fora, a gente tem que ganhar esse jogo”. O título foi pela amizade aquele ano, por tudo o que a gente passou, a gente ter tudo e da noite para o dia não tinha nada mais. Então, a gente teve que correr atrás de muita coisa, de ir para viagens de carro, viagem longa, ia todo mundo apertada dentro dos carros, em 2013 foi muito legal. Em 2014 eu entrei no final só do campeonato, porque eu estava me focando no time da UFRGS para o JUGS<sup>25</sup> e tal, então entrei no final pelo Chimarrão, até quem me chamou foi a Tati<sup>26</sup>, que era a antiga técnica da ULBRA, ela me chamou para jogar no Chimarrão e eu fui, eu joguei, acho que, uns quatro jogos pelo Chimarrão. A gente acabou perdendo na semifinal para o time que foi campeão no ano, mas os meus estaduais foi um mais louco que o outro [RISO], foi divertido, foi muito bom, e ganhar depois era melhor ainda, comemoração, todo mundo junto, era muito bom.

C.M. – Assim para resumir, mais alguma coisa que você queira me contar relacionada com a sua experiência pessoal com o futsal ou futebol?

R.M. – Eu acho que para mim os momentos mais importantes no futsal, acho que a minha vida no futsal começou a crescer mesmo quando eu entrei na UFRGS, que eu fui para o profissional, digamos assim. Então, jogar em 2012, ter entrado no Garrincha e ter entrado no meio do campeonato como titular, e depois eu ouvir no final que eu era... Quando eu entrei ninguém acreditava em mim, a maioria parte das gurias, ah, ninguém

---

<sup>25</sup> Jogos Universitários Gaúchos.

achava que aquela pirralha que estava entrando no time ia segurar uma final, e no jogo da final ficou um cara atrás de mim falando um monte de bagaceirice, eu aguentei no osso o jogo todo. A atleta da ULBRA pisou na minha cabeça num lance e no final depois eu ouvi, que eu calei a boca de muita gente em 2012, que eu mostrei que eu era muito mais que uma pirralha querendo jogar. Em 2013 a união do meu time, a família que o meu time se tornou e depois, bah! as festas que a gente fez para comemorar o título porque foi. A gente tirou tudo do nosso bolso, a gente correu atrás de tudo enquanto times que são bancados por empresas grandes, porque tem patrocínio de toda a cidade, não conseguiram chegar onde a gente chegou. E 2014 ter ganho o JUGS pela UFRGS foi tipo, lavar a alma, depois de ter perdido dois anos seguidos para a ULBRA e chegar e ganhar delas na final foi lavar a alma, foi gritar aquilo que estava engasgado há muito tempo e o time estava muito bem focado, isso foi muito bom. Jogar o brasileiro, o JUBS<sup>27</sup>, foi muito bom, mesmo a gente não tendo conseguido trazer a medalhas de lá, a experiência de tu ir para um campeonato brasileiro é muito boa, tu conhece gente de tudo que é lugar do país, de tudo que é esporte também, e estar lá, estar lá já é um sonho, é muito bom. E os jogos são outro nível, são muito mais pegados, no último dia não tinha voz, eu não conseguia, se eu caía eu levava duas horas para levantar porque era muito quente, muito quente, era muito jogo, um jogo seguido do outro, era horrível, mas foi uma baita experiência. E agora esse ano estou com um desafio novo que é jogar na ACBF e tentar trazer o título para um time que nunca ganhou estadual, então é um desafio bem bom [RISO].

C.M. – Re, muito obrigada por aceitar o convite.

R.M. – Muito obrigada, eu que agradeço.

[FIM DA ENTREVISTA]

---

<sup>26</sup> Tatiele dos Santos Silveira.

<sup>27</sup> Jogos Brasileiros Universitários.